

3ª SÍNTESE

Consciência crítica do uso da mídia pelos estudantes

INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No sétimo ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio da Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Foram realizados três grupos focais após o término do ano letivo de 2025, contabilizando a participação de 11 educadores. A condução dos grupos focais foram alicerçadas em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos educadores
- 2 | Uso e produção de mídia na sala de aula
- 3 | **Consciência crítica do uso da mídia pelos estudantes**
- 4 | Curricularização da Educação Midiática
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

Nesta 3ª síntese, apresentamos as análises realizadas a partir dos relatos dos professores sobre seu próprio consumo de mídia cotidiano.

CONSCIÊNCIA CRÍTICA DO USO DA MÍDIA PELOS ESTUDANTES

O terceiro bloco do grupo focal concentrou-se na coleta de percepções e experiências dos professores sobre a criticidade no uso de mídia pelos alunos. Os educadores puderam relatar vivências frente aos desafios de promover a criticidade e o letramento digital dos estudantes em um cenário marcado por rápidas transformações tecnológicas, pela centralidade das redes sociais, pelo uso crescente de ferramentas de IA, como o ChatGPT, e pelo primeiro ano de restrições do uso do celular no ambiente escolar, estabelecido pela Lei 15.100/2025.

Os professores relataram que, apesar da possibilidade de utilização do celular apenas para fins pedagógicos em sala de aula, ainda observam o uso desenfreado pelos estudantes, que preferem redes sociais, Youtube, ouvir música a fazer o que o professor propõe. É comum os estudantes não guardarem o aparelho ou utilizarem no sentido de testar a percepção dos professores.

O uso das mídias levanta a questão da exclusão, pois há escolas que não possuem laboratórios ou computadores. Nesse caso, algumas escolas emprestam aparelhos celulares para atividades pedagógicas e, em determinadas situações, notam que os alunos não sabem utilizar o equipamento: trocam senhas, colocam e-mail pessoal, bloqueiam o aparelho e impossibilitam o uso por outros. Em casos com a possibilidade do uso de computadores, os professores também percebem a dificuldade dos alunos ao compreender os periféricos, programas e as funções das teclas do teclado. Infere-se que o conhecimento dos alunos seja mais localizado naquilo que mais utilizam em seu dia-a-dia, por meio do smartphone, como redes sociais, jogos, músicas etc., demonstrando conhecimento de uso das operações das plataformas utilizadas. Essas situações explicitam limitações do ponto de vista funcional dos equipamentos.

Durante as discussões, os professores mencionaram que os alunos se colocam numa posição de que “sabe de tudo”, de que não precisam ler, pois caso queiram saber algo buscam no Google ou no TikTok, de quererem as coisas mais fáceis, pois estão acostumados a encontrar as respostas prontas e, por isso, mostram-se desinteressados e pouco afeitos a se envolver e desenvolver os trabalhos propostos. Os professores entendem que a tecnologia colocou essa facilidade para eles e os

educadores têm o trabalho de desmistificar essas informações, ensinar a ler o mundo e mantê-los atualizados. Essas situações explicitam limitações do ponto de vista crítico no uso das mídias.

Nesse sentido, o uso crítico das mídias é uma preocupação dos professores, que mencionaram incluir em suas aulas, com frequência, debates sobre temas atuais, análise de escolhas de fontes de informação, discussão sobre conteúdos midiáticos, tanto pela necessidade quanto pela solicitação de determinado conteúdo programático em provas oficiais.

Além de tais questões, trazem para a discussão com os alunos temas como o impacto dos algoritmos sobre os conteúdos consumidos, fake news e suas consequências, cyberbullying e os impactos e desdobramentos do uso de IA. Os temas são inseridos em suas disciplinas, ou abordados de maneira transversal, outros são tratados para a conscientização dos alunos no percurso do Projeto de Vida, como Privacidade e cibersegurança e Ética e regulamento das redes.

Pelas dificuldades encontradas pelos professores com relação ao planejamento e gestão da escola ou mesmo pela demanda de preparação de conteúdos curriculares pelos professores, eventualmente são feitas rodas de conversa sobre assuntos que são veiculados na mídia, e projetos específicos de combate à desinformação. Notou-se que o cyberbullying é um tema de grande preocupação e, por isso, é desenvolvido com mais ênfase.

Os relatos demonstram que a preocupação com a Inteligência Artificial tem ganhado destaque. Alguns professores são mais alarmistas no sentido de negar o uso e outros entendem que é preciso estudar, ter formação continuada para conseguir levar o conhecimento crítico em IA para a sala de aula. Enquanto alguns alunos utilizam a IA sem consciência digital, outros são mais críticos e entendem que são os humanos que devem instruir as máquinas e não o contrário. Por outro lado, os professores abordam o tema questionando as escolhas dos alunos, o uso e consequências da IA, os pontos positivos e negativos da IA: de modo geral, os professores estimulam os alunos a aprenderem por si, alertando que não levarão a IA para fazer vestibular e que eles devem ensinar a IA e não o contrário.

Percebe-se que, de modo geral, a IA é utilizada, tanto por alunos quanto por professores, sem critérios; há ainda os que buscam, por conta própria, algum conhecimento crítico sobre o tema e, com isso, surge o questionamento de como serão encaminhadas as situações de uso de IA em sala de aula, pois é notório que há falta de ética e uso indevido (plágio) de IA em trabalhos escolares.

Diante dessas situações, entende-se haver necessidade do uso crítico das mídias e da educação midiática e digital, o que depende de planejamento e gestão adequados para serem inseridos com qualidade nas atividades de sala de aula, pois além de ser obrigatório pelas Diretrizes Operacionais do Conselho Nacional de Educação (CNE),

pela Política Nacional de Educação Digital (Lei 14.533/2023) e pela Política Pública Estratégia Brasileira de Educação Midiática (EBEM), a partir de 2029, o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) avaliará literacia em mídia e inteligência artificial e os professores comentaram que as escolas ainda não discutiram esses assuntos.

Diante de limitações, mas também de buscas individuais dos docentes para inserir o letramento crítico das mídias em suas aulas, os professores acreditam que unir as habilidades que os estudantes têm com algumas tecnologias e o conhecimento dos professores é possível trazer os alunos para perto, despertar o interesse em aprender, desenvolver trabalhos e ir além dos muros das escolas.
